

## A guerra tem voz de mulher

### RESENHA

ALEKSIÉVITCH, SVETLANA. **A GUERRA NÃO TEM ROSTO DE MULHER**. SÃO PAULO: COMPANHIA DAS LETRAS, 2016. 392p.

Maria Luiza Vasconcelos  
Fernandes de Oliveira  
E-mail:  
marialuizacg@outlook.com.br  
Universidade Federal de Sergipe,  
São Cristóvão, SE, Brasil

A obra da escritora e jornalista bielorrussa Svetlana Aleksandrovna Aleksiévitch, “A Guerra Não Tem Rosto de Mulher”, foi publicada originalmente na década de 1980 e trazida para o Brasil, em 2016, pela Companhia das Letras. A publicação aparenta ter ligação com o potencial de vendas que o livro possuía, tendo em vista que a autora, no ano anterior, recebera o Prêmio Nobel de Literatura com a obra.

O livro percorreu as livrarias do Brasil trazendo uma nova perspectiva da 2ª Guerra Mundial. Dividida em 17 capítulos, a obra de Aleksiévitch (2016) aborda pontos de vista muitas vezes negligenciados pela literatura e pela didática acadêmica, apresentando testemunhos orais de mulheres soviéticas que lutaram em diferentes setores da 2ª Grande Guerra. Essa abordagem oral é relevante, pois dá voz a agentes históricos negligenciados e suas memórias, esses que são frequentemente esquecidos ou recebem pouca visibilidade (PERROT, 2005), sendo este o caso do front oriental na 2ª Guerra, posição trabalhada no livro da jornalista.

A União Soviética foi o país que sofreu maiores perdas durante o período da 2ª Guerra Mundial (DAVIES, 2006), um dos episódios mais marcantes é o do cerco de Leningrado onde civis e soldados ficaram cercados por tropas nazistas durante 900 dias sem receber suprimentos para sua sobrevivência (GLANTZ, 2001). Aleksiévitch (2016) escreve a perspectiva das mulheres durante o cerco, relatando que “Tinham comido todos os cães e gatos da cidade” (l. 1847)<sup>1</sup>, “Mães enlouquecidas comiam os próprios filhos” (l. 5206), no entanto, essa perspectiva é pouco trabalhada na academia ocidental:

Hoje em dia, muitos acham que os Estados Unidos derrotaram Hitler sozinhos, especialmente os jovens. Do preço que os soviéticos pagaram pela vitória — 20 milhões de vidas humanas em quatro anos — não se sabe muito. (ALEKSIÉVITCH, 2016, l. 1951-1952).

Esse esquecimento é amplificado quando se trata da história das mulheres. Quando se pensa em mulheres na guerra sua representação é atrelada à imagem da viúva de guerra, que antes mesmo de saberem que eram viúvas já adentraram o mercado de trabalho destinado aos homens e passaram a criar seus filhos sozinhas (MOTTA, 2009), ou ocupando postos na retaguarda, como enfermeiras, cozinheiras ou costureiras (PERROT, 2005), no entanto, “No Exército soviético lutaram aproximadamente 1 milhão de mulheres” (ALEKSIÉVITCH, 2016, l. 30) nas mais diversas funções, desde o corpo médico, como enfermeiras e cirurgiãs, até a linha de frente como franco-atiradoras e pilotos.

É interessante a proposta de Aleksievitch (2016), pois, como aborda em seu livro, após a guerra a história dos conflitos é contada por mulheres. As vilas são compostas de mulheres, pois uma grande quantidade de homens morreu no front. São elas que repassam a história para seus filhos e netos, os sentimentos, dores e as comemorações no Dia da Vitória. No entanto, os livros acadêmicos trazem representações e sensações masculinas da 2ª Guerra Mundial, onde é possível visualizar apenas algo grandioso, a vitória, as táticas de guerra, excluindo, portanto, as trincheiras, piolhos, roupas congeladas de sangue e a morte. Desse modo, a autora prefere trabalhar com as vozes das combatentes soviéticas, que apresentam uma visão menos grandiosa da guerra. Trazendo em sua fala seus medos e sentimentos sobre o período vivenciado no campo de batalha.

É importante frisar que, no contexto desta produção, se pontua gênero mediante a noção trazida por Joan Scott (1995), que o visualiza como categoria analítica das relações sociais, estas demarcadas a partir das diferenças entre os sexos e perpetuada nas estruturas, ideias, práticas e rituais cotidianos. Utiliza-se esse conceito, tendo em vista o período histórico em que a obra está inserida, onde se torna perceptível a distinção estrutural que as mulheres entrevistadas fazem entre elas e os soldados.

O material trabalha com depoimentos de mulheres que, de alguma forma, atuaram na 2ª Grande Guerra, mostrando suas perspectivas individuais acerca do evento. É perceptível, durante a obra, como os homens veem essas entrevistas como desnecessárias e carregadas de um sentimentalismo que não estaria de acordo com as narrativas sobre a guerra, pois a obra é composta por depoimentos marcados pelas aflições e desejos dessas mulheres.

Essas combatentes estavam na artilharia antiaérea, infantaria, cavalaria, eram *partisans*, cirurgiãs, enfermeiras, cozinheiras. Foram condecoradas e desfilaram no Dia da Vitória, mas após isso foram silenciadas por seus familiares, maridos e por si mesmas, em determinado momento. “Eu não contei tudo para você porque eram outros tempos. Nos acostumamos a calar sobre muitas coisas...” (ALEKSIÉVITCH, 2016, l.298). Esse silenciamento é uma das diversas formas de perceber a divisão de gênero presente na sociedade soviética, tendo em vista que a proposta trazida pelo Estado contempla uma suposta igualdade de gênero que, em vários momentos da leitura, fica atestado que não foi alcançada.

A autora e as narradoras trabalham bastante esses momentos de silenciamento, Aleksievitch (2016) inicia a obra expondo a recusa das editoras para publicar seu manuscrito, que recebia negativas há dois anos por “não ser a guerra certa” (l. 259). Essa perspectiva também é trazida pelas entrevistadas quando seus maridos repreendem “Conte como eu te ensinei. Sem chorar e sem essas ninharias de mulher; que queria ser bonita, que chorou quando cortaram a trança”. (ALEKSIÉVITCH, 2016, l. 212).

Mesmo sendo coibidas, as narradoras falam sobre o contexto vivenciado, seus relatos partem de quando lutavam para conseguir se alistar “Eu escrevia cartas para o centro de alistamento, uma, duas, três...” (ALEKSIÉVITCH, 2016, l. 1830), “vou começar com o fato de que a contragosto aceitavam mulheres nas tropas de tanques” (ALEKSIÉVITCH, 2016, l. 1619-1620), e a forma como precisavam se portar e se impor naquele espaço majoritariamente masculino: “Pelotão, entrar em formação!”. Ninguém prestou atenção em mim. Então peguei minha pistola e dei um tiro para o alto” (ALEKSIÉVITCH, 2016, l. 3839).

Seus depoimentos adentram situações que não estão em qualquer livro, não se reduzem ao conflito, mas trabalham questões subjetivas. As narradoras tratam da fragmentação da identidade feminina, a forma como gestos, especificidades e caricaturas remetidas ao sexo feminino desmoram com sua participação na guerra “Quanto mais olho para essas fotografias, mais me surpreendo. Saul mostrou para nossa neta de seis anos e ela perguntou: ‘Vovó, antes você era menino, né?’.” (ALEKSIÉVITCH, 2016, l. 1822-1823). Uma Piloto relata que não quer lembrar da guerra, pois não se sentia mulher, seu organismo mudou a ponto de não menstruar ou sentir desejos femininos (ALEKSIÉVITCH, 2016).

Elas contam de suas tentativas para “continuar sendo mulheres”<sup>2</sup>, como usar brincos na hora de dormir e experimentar vestidos no tempo de descanso:

Queríamos fazer tarefas femininas. Sentíamos falta de coisas femininas, a situação toda era insuportável. A gente procurava qualquer pretexto para pegar a agulha e bordar algo, nem que fosse para passar um tempo em nossa forma natural. (ALEKSIÉVITCH, 2016, l. 1864-1866).

Toda a história é contada minuciosamente por essas mulheres, as ações do dia a dia, detalhes como o corte de cabelo e o tamanho dos uniformes:

Verificou-se que, por minha altura e minha compleição, eu era a menor da companhia, media 1,53 metro, calçava 35, e naturalmente a indústria militar não produzia tamanhos tão minúsculos, muito menos nos Estados Unidos, que nos fornecera as fardas. Arrumaram uns coturnos número 42 para mim; (ALEKSIÉVITCH, 2016, l. 1264-1270).

Também é necessário pontuar a forma como se deu o retorno dessas mulheres à sociedade pós-guerra. Elas reivindicaram seu direito a defender sua pátria, lutaram no front e quando retornaram foram recebidas com ofensas e acusadas de estar na guerra para roubar os maridos de outras mulheres.

Eu estava indo como uma heroína, nunca tinha pensado que podiam receber uma garota do front daquele jeito. Já tínhamos passado por tanto, salvado os filhos para aquelas mães, os maridos para aquelas mulheres. E de repente... Conheci o que são ofensas, escutava injúrias (ALEKSIÉVITCH, 2016, l. 5306).

Passaram a esconder sua participação na guerra, não usavam as medalhas ou seguiam carreira militar, “Os homens eram vencedores, heróis, noivos, a guerra era deles” (ALEKSIÉVITCH, 2016, l. 2096). As mães expulsavam as filhas de casa, pois meninas do front poderiam manchar a imagem das irmãs, impedindo-as de conseguir um bom casamento. Durante a guerra essa era uma das grandes preocupações das combatentes, quando tudo isso acabasse teriam bons casamentos? Uma franco-atiradora comenta a fala de um comandante: “Ê, meninas! Vocês são todas bonitas, mas depois da guerra os homens vão ter medo de casar com vocês. Com essa pontaria, vocês atiram um prato na testa do marido e acabam matando.” (ALEKSIÉVITCH, 2016, l. 681) Um outro combatente diz “Eu

iria com uma mulher dessas numa missão de batedor, mas não me casaria com ela” (ALEKSIÉVITCH, 2016, l. 1559-1560).

É evidente que esse cenário não se trata de uma totalidade, algumas das mulheres do front narram que se casaram nas trincheiras usando vestidos de ataduras (ALEKSIÉVITCH, 2016), muitas relatam que conheceram o amor no front, outras que o perderam lá. Enfermeiras contam que para acalmar os feridos diziam palavras afetuosas, conversavam e acalmavam, quando não se tinha mais o que fazer, ficavam ao lado deles, faziam carinho e lhes davam beijos.

A guerra “feminina” tem suas próprias cores, cheiros, sua iluminação e seu espaço sentimental. Suas próprias palavras. Nela, não há heróis nem façanhas incríveis, há apenas pessoas ocupadas com uma tarefa desumanamente humana. (ALEKSIÉVITCH, 2016, l. 81-82).

A leitura dessa obra, portanto, é essencial para perceber um outro ponto de vista de um momento histórico tão difundido como a 2ª Guerra Mundial que, no entanto, é bastante restrito a perspectivas ocidentais. Deve-se lembrar que a própria publicação da obra no Brasil se deu por seu potencial de vendas após a premiação do Nobel de Literatura, mostrando como essa visão da União Soviética é bastante restrita em países do ocidente, como o Brasil.

Vale salientar que quando se trabalha sob um ponto de vista é inevitável perder situações importantes que seriam mais visualizados em outras perspectivas. Quando utilizamos visões ocidentais acabamos por minimizar a visão oriental, como ocorre nos textos acerca da 2ª Guerra Mundial, por exemplo. Essa questão não é diferente na obra de Aleksievitch (2016) e deve ser levada em conta para utilização do livro em pesquisas.

Podemos exemplificar essa questão quando se pensa nas violências contra mulheres, mais especificamente na temática do estupro de guerra, esse que se mostra largamente praticado em conflitos (MAYNARD, 2020), não só como uma forma de suprimir um desejo biológico, mas de manchar a moralidade do inimigo violentando suas esposas e filhas (PATIÑO, 2009), no entanto, essa questão é pouco trabalhada na obra, omissão esta podendo se justificar, principalmente, por ser um livro narrado por mulheres, essas que são vítimas de um grande silenciamento quanto à denúncia das violências, sejam físicas, sexuais ou psicológicas.

A obra analisada nos faz refletir acerca do papel da mulher na sociedade do século XX, e como essa visão foi se aprimorando com o desenrolar do tempo, mas também nos incita a pensar como a mulher do século XX ainda está presente em nossa sociedade atual, na forma de ir para a luta, mas também de, muitas vezes, perder a vitória conjunta para o homem que a comemora sozinho. Nos faz questionar, ainda, por que a guerra não tem rosto de mulher? Quem estipulou que a guerra tem rosto de homem?

Outra constatação que podemos fazer durante a obra é, justamente, sobre a suposta igualdade de gênero que se pregava no contexto soviético, tendo em vista que, embora o Estado propiciasse que as mulheres tivessem acesso à educação superior e pudessem se alistar ao exército, existindo a possibilidade de ascensão militar, esse quadro não se refletia na sociedade, que, não só se mostrava contrária à integração das mulheres nesses espaços, como rechaçavam sua permanência.

Em suma, a publicação de Svetlana Aleksievitch, por possuir relatos de pessoas reais, engloba temas que podem ser utilizados não só em salas de aula, mas, também, em estudos de relações gênero. Seu arco temático aprofundado na 2ª Guerra possui uma perspectiva não muito utilizada, mas que poderia gerar debates importantes acerca da posição da mulher no espaço público e o eurocentrismo/ocidentalização dos estudos históricos no Brasil, além de nos fazer compreender pontos que adentram as relações internacionais do século XX.

### NOTAS

1 As citações referentes à obra “A guerra não tem rosto de mulher” de Svetlana Aleksievitch correspondem a sua versão digital (edição Kindle) e apontam sua paginação no formato “localização no e-book”.

2 É necessário salientar que essa produção possui uma perspectiva binária de gênero (tanto por se tratar de uma obra que remete ao período da década de 40-50, quanto por suas personagens que têm uma visão de mundo do século XX) e, portanto, se restringe à visão de homens e mulheres cis gênero.

### REFERÊNCIAS

ALEKSIÉVITCH, Svetlana. **A guerra não tem rosto de mulher**. Tradução de Cecília Rosas. São Paulo: Companhia das Letras, 2016. [RECURSO DIGITAL – Edição Kindle].

DAVIES, Norman. **Europa em Guerra, 1939-1945**. Tradução de Amado Diéguez. [S.l.]: Titivillus, 2006.

GLANTZ, David M. **The Siege of Leningrad 1941-1944: 900 Days of Terror**. Londres: Brown Partworks Limited, 2001.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & realidade**, v. 20, n. 2, 1995.

MAYNARD, Andreza Santos Cruz. Violência (extra) contra a mulher. *In*: MAYNARD, Andreza Santos Cruz; MAYNARD, Dilton Cândido Santos (org.). **Segunda Guerra Mundial**: Apontamento do Tempo Presente. Recife: EDUPE, 2020. p. 34-37.

MOTTA, Márcia Maria Menendes. A Primeira Guerra Mundial. *IN*: REIS FILHO, Daniel Aarão; FERREIRA, Jorge; ZENHA, Celeste. (Org.). **O Século XX**: o tempo das certezas. v. 1. 4.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009. pp. 231-251.

PATÍÑO, María Rocio Cifuentes. La investigación sobre género y conflicto armado. **Eleuthera**, v. 3, p. 127-165, jan/dez.2009.

PERROT, Michelle. **As mulheres ou os silêncios da história**. Tradução de Viviane Ribeiro. Bauru, SP: EDUSC, 2005.

**Recebido:** 23/03/2021

**Aprovado:** 29/03/2022

**DOI:** 10.3895/cgt.v15n46.13973

**Como citar:** OLIVEIRA, Maria Luiza Vasconcelos. A guerra tem voz de mulher. **Cad. Gên. Tecnol.**, Curitiba, v. 15, n. 46, p. 318-323, jul./dez. 2022. Disponível em: <https://periodicos.utfpr.edu.br/cgt>. Acesso em: XXX.

**Direito autoral:** Este artigo está licenciado sob os termos da Licença Creative Commons-Atribuição 4.0 Internacional.

